



Homilia na Eucaristia de abertura do 99.º Sínodo Diocesano

«Pedras Vivas chamadas a uma Esperança Viva»

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amén.

Queridos irmãos e irmãs em Cristo,

Reunimo-nos hoje aqui, e usando a metáfora de Pedro há pouco apresentada na sua Carta, enquanto «*pedras vivas*» de um edifício espiritual que é a Igreja e cujo fundamento e único alicerce e sustento é Jesus Cristo. Ser «pedra viva» segundo Pedro requer a fé pessoal em Jesus Cristo e a disponibilidade para fazer parte com outros, de uma realidade maior que a todos nos congrega e que é a Igreja enquanto Corpo de Cristo. Dado que nenhuma pedra se sustenta por si mesma dependemos uns dos outros e todos dependemos e somos sustentados por Jesus Cristo.

Pedro na sua carta refere que cada cristão entra «*como pedra viva, na construção de um templo espiritual*» (1 Pedro 2,5). Ou seja, cada um de nós, neste edifício espiritual que é a Igreja, é uma pedra essencial, consagrada a Deus. Cada pessoa aqui reunida é única e insubstituível perante o Senhor e concorre para a grandeza, testemunho e missão da Igreja que somos. Somos irmãos e irmãs em Cristo, unidos por uma só Fé, um só Senhor e um só Batismo. Mais importante do que saber o estatuto ou a representatividade que assiste a cada membro do Sínodo é percebermo-nos na nossa igualdade e dignidade radical que deriva da nossa pertença comum a Jesus Cristo. No Sínodo Diocesano, cada pessoa e cada voz é importante, é única e insubstituível. Não deve existir distinção entre clérigos e leigos e todos se devem sentir chamados a dar e a receber uns dos outros. Cada «pedra viva» aqui reunida possui dons, sonhos e visões que são necessárias para o todo que é a Igreja. Ninguém se deve, pois, abster de participar e dar o seu contributo para o trabalho e vivência sinodal.

Na sua primeira carta, que serve de referência ao tema Sinodal e que é: «*A Igreja de Deus para o mundo de Deus*», Pedro ajuda-nos a compreender que a Igreja, mais do que uma Instituição terrena, com o seu poder e os seus problemas próprios, a Igreja é uma realidade espiritual chamada a herdar o chamamento de Deus feito outrora ao povo de Israel e agora e em Jesus Cristo destinada a ser «*gente escolhida, um povo santo de sacerdotes ao serviço do Reino, povo que pertence a Deus*» (1 Pedro 2,9). A Igreja que somos, percebe-se, pois, à luz da História da Salvação e do chamamento feito por Deus

a Israel e mais tarde a toda a humanidade na pessoa de Jesus Cristo. A Igreja, pois, não é um fim em si mesmo, antes uma realidade que nos projeta desde já, numa outra realidade maior e que é o Reino de Deus inaugurado e proclamado por Jesus Cristo.

A consciência desta identidade e característica da «Igreja de Deus» enquanto povo eleito e santo, povo que pertence a Deus, e que caminha na História da Salvação ajuda-nos a perceber que nós não somos proprietários da Igreja, mas tão só mordomos escolhidos pelo próprio Deus para o servir em santidade e amor num determinado tempo e contexto. Esta escolha, este chamamento que Deus faz a cada um e à Sua Igreja, em cada tempo e em cada lugar, requer gratidão, reconhecimento e responsabilidade no tratar os assuntos da Igreja que nos são confiados. A razão, pois, de estarmos hoje aqui reunidos em Sínodo, é a de podermos servir a Deus servindo a Sua Igreja e a de podermos servi-Lo servindo a Sua Igreja sem nunca perder o horizonte de eternidade que se nos oferece e a tradição eclesial e histórica que herdamos e nos foi confiada.

Mas também e como muito bem refere o tema Sinodal, a Igreja só se compreende na sua relação com o Mundo em que está e no serviço que é capaz de oferecer aos homens e mulheres de cada tempo e lugar, ou seja, «*A Igreja de Deus para o Mundo de Deus*».

Por uma feliz coincidência, iniciamos o nosso Sínodo precisamente no Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, o 10 de junho. A Igreja não deve e não pode esquecer esta celebração nacional e em conjunto com as autoridades constituídas e a sociedade civil, celebramos também a riqueza de um país multiseular com uma História rica e longa, celebramos o dom dos poetas e dos artistas personificados em Luis de Camões e por fim abrimo-nos às Comunidades Portuguesas espalhadas por todo o mundo e expressão viva e plena de um país e de um povo que se prolonga e percebe também nas comunidades em diáspora e em relação com outros povos e culturas.

A Igreja que somos está hoje marcada pela presença no nosso país de outros povos e culturas, que tornam a nossa sociedade mais diversificada e rica. Muitos e muitas, provindos principalmente do Brasil, Angola, Moçambique e outros países da comunidade lusófona, e ainda da Europa de Leste, têm vindo a procurar na nossa Igreja, nas nossas paróquias e missões, abrigo seguro, comunidade espiritual e família de afeto.

Eles e elas são também «pedras vivas» indispensáveis ao templo espiritual que é a Igreja. Lenta, mas progressivamente e num contexto de globalização, vamo-nos tornando uma Igreja cada vez mais multicultural, cujas comunidades devem saber acolher e incluir. Não se trata propriamente de uma oportunidade de Missão, mas antes da Missão que somos todos chamados a desenvolver no tempo presente, da Igreja que Deus nos confiou. Peço, pois, aos responsáveis das paróquias, missões e comunidades da Igreja Lusitana a sua particular atenção e disponibilidade para estes irmãos e irmãs que nos procuram e também para aqueles que pedem a nossa saída ao seu encontro.

Se outrora e como diz o Evangelho hoje proclamado era necessário ir por todo o mundo para fazer discípulos em nome de Jesus, hoje, e fruto da globalização e da mobilidade da sociedade moderna, o mundo na sua diversidade, riqueza e complexidade veem até nós, oferecendo-nos a possibilidade de fazer novos discípulos de Jesus Cristo.

Realizamos o 99.º Sínodo Diocesano num contexto social e político marcado por fatores que muitos analistas referem provocar a denominada «Tempestade perfeita». Esses fatores são a pandemia global do Covid 19, as guerras e em particular a da Ucrânia, a crise energética e a dos cereais e os problemas ambientais e do clima. Toda esta conjuntura nos afeta e condiciona a diversos níveis, desde o nível anímico, de saúde, económico, e da própria confiança nas nossas realizações presentes e no futuro que nos espera. Trazemos, pois, esta realidade sofrida do mundo em que vivemos para este Sínodo. Tenhamos consciência que esta exigente conjuntura afeta a Igreja e naturalmente o seu povo, mas não a pode condicionar na sua ação e na sua Missão. A Missão da Igreja a Missão a que somos chamados é a de continuar a mostrar ao mundo o amor de Deus e particularmente nos tempos que correm promover a reconciliação da humanidade com Deus, com a natureza, de cada um consigo próprio e com os outros. Urge a reconciliação num mundo em conflito!

Neste contexto de exigência, somos todos sem exceção chamados a tratar da vida e dos assuntos da Igreja com maior responsabilidade e dedicação. Deus pede-nos, pois, um compromisso redobrado e um amor incondicional á Sua Igreja. Deus pede-nos que sejamos «pedras vivas» sustentados no fundamento da Igreja que é Jesus Cristo.

Termino com as palavras do profeta Isaías hoje já escutadas:

«Ouve Israel, meu servo, povo de Jacob, meu escolhido ... foi a ti que escolhi e nunca te rejeitarei, não tenhas medo, porque estou contigo! Eu, torno-te forte, ajudo-te, protejo-te com a minha mão direita vitoriosa».

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ámen.

+ Jorge, bispo diocesano

Catedral de S. Paulo, Lisboa, 10 de junho de 2022, dia de Portugal de Camões e das Comunidades Portuguesas